



# A Santa Sé

---

**PAPA JOÃO PAULO II**

**AUDIÊNCIA GERAL**

*Quarta-feira, 24 de Agosto de 1983*

1. "... de modo que não seremos mais meninos inconstantes, levados por qualquer sopro de doutrina, pela malignidade dos homens e pelos seus artifícios enganadores" (*Ef. 4, 14*).

Caríssimos, o Apóstolo Paulo chama-nos com estas palavras à necessidade de sermos pessoas adultas na fé, amadurecidas nos nossos juízos, possuindo uma *consciência moral* capaz de guiar as nossas opções em harmonia com "a verdade na caridade" (*ibid. 15*).

"Formar" a própria consciência é tarefa fundamental. A razão é muito simples: a nossa consciência pode *errar*. E o erro, quando a prevalece, torna-se causa do mais grave dano para a pessoa humana: impede que o homem se realize a si mesmo, subordinando o exercício da liberdade à verdade.

O caminho para uma consciência moral amadurecida, todavia, não pode nem mesmo ter início, se o espírito não se liberta de uma doença *mortal*, hoje muito difundida: a indiferença em relação à verdade. Como poderemos, de facto, estar preocupados por que a verdade tenha lugar na nossa consciência, se afirmamos que o estar na verdade não é um valor de importância decisiva para o homem?

2. Numerosos são os sintomas desta doença. A indiferença em relação à verdade manifesta-se, por exemplo, no considerar que a verdade e a falsidade, na ética, são apenas uma questão de gosto, de decisões pessoais, de condicionamentos culturais e sociais; ou então, que é suficiente pôr em prática o que pensamos, sem nos preocuparmos depois se o que pensamos é verdadeiro ou falso; ou também, que o sermos agradáveis a Deus não depende precisamente da verdade a respeito do que pensamos d"Ele, mas só do acreditar sinceramente naquilo que professamos.

Indiferença em relação à verdade é ainda considerar mais importante para o homem procurar a verdade que alcançá-la, embora esta, afinal, lhe escape irremediavelmente, ou confundir, como consequência, o respeito devido a cada pessoa, quaisquer que sejam as ideias que professa, com a negação da existência de uma verdade objectiva.

Se uma pessoa humana é indiferente, nos sentidos supramencionados, em relação à verdade, não se dará conta da formação da própria consciência, e acabará, cedo ou tarde, por confundir a fidelidade à própria consciência com a adesão a uma qualquer opinião pessoal ou à opinião da maioria.

De onde deriva esta gravíssima doença espiritual? A sua origem última é o orgulho, no qual, segundo toda a tradição ética da Igreja, está a raiz de todos os males humanos. O orgulho leva o homem a atribuir-se o poder de decidir, como juiz supremo, do que é verdadeiro e do que é falso; a saber, a negar a transcendência da verdade em relação à nossa inteligência *criada* e a contestar, por conseguinte, o dever de se abrir a ela, de a acolher não como própria invenção mas como dom que lhe é concedido pela luz incriada.

Torna-se claro, pois, que a origem da indiferença em relação a verdade está nas profundezas do *coração humano*. Não se encontra a verdade, se ela não é *amada*; não se conhece a verdade, se *não se deseja conhecê-la*.

3. "Viver segundo a verdade na caridade" é isto a que nos convida o Apóstolo. Individualizámos o ponto de partida para a formação da consciência moral: o amor da verdade. Agora podemos individualizar alguns dos seus significativos "momentos".

Um dos resultados positivos que esperamos da celebração deste Ano Santo extraordinário é que na Igreja retorne a prática assídua do Sacramento da penitência. No contexto da nossa reflexão de hoje, o apelo a este sacramento torna-se particularmente importante. A "conversão do coração" é de facto o dom mais precioso deste acontecimento de graça. O coração convertido ao Senhor e ao amor do bem é a fonte última dos juízos *verdadeiros* da consciência moral. Pois, não esqueçamos, para discernir de modo concreto o que é bom do que é mau não basta — ainda que necessária — a consciência da lei moral universal, mas é necessária também uma espécie de "conaturalidade" entre a pessoa humana e o verdadeiro bem (veja-se p. ex. S.Tomás, *Summa Theologiae* 2, 2 q. 45, a2).

Em virtude desta "conaturalidade", a consciência torna-se capaz, quase por uma forma de instinto espiritual, de perceber de que parte está o bem e qual é por isso a opção que se impõe no caso concreto. Pois bem, a graça do Sacramento da Penitência, celebrado de modo assíduo e fervoroso, produz na pessoa humana esta progressiva e cada vez mais profunda "conaturalização" com a verdade e o bem.

No texto, paulino, do qual a nossa reflexão tomou início, diz-se que Cristo "a uns constituiu Apóstolos, a outros, Profetas... para a edificação do Corpo de Cristo". Pois bem: é *na Igreja* que a consciência moral da pessoa humana cresce e se aperfeiçoa; pela Igreja ela é ajudada a "não ser inconstante, levada por qualquer sopro de doutrina, pela malignidade dos homens". A Igreja, de facto, é "colima e sustentáculo da verdade" (1 Tim. 3, 15). A fidelidade ao Magistério da Igreja impede, portanto, que a consciência moral se desvie da verdade sobre o bem do homem.

Não é portanto justo considerar a consciência moral do indivíduo e o Magistério da Igreja como dois contendentes, como duas realidades em conflito. A autoridade de que, por vontade de Cristo, goza o Magistério, existe para que a consciência moral obtenha com segurança a verdade e nela viva.